

DISCURSO DA NARRATIVA E ENSINO

Ânderson Rodrigues Marins (UFF)

INTRODUÇÃO

O presente artigo aborda o discurso da narrativa trabalhado em contexto escolar. Sem muito esforço, verifica-se que quando o aluno se depara com uma narrativa, uma das primeiras coisas que lhe vem à mente é que se trata de uma história. Certo é que mediante determinados recursos lingüísticos podemos, através do discurso, reconstituir uma realidade que se transforma e passar a nosso interlocutor a ordem cronológica dessas transformações. À luz das reflexões de Garcia (1999: 241-2), a matéria da narração é o fato, que por sua vez envolve um acontecimento de que o homem participa direta ou indiretamente, e o relato desse fato, real ou fictício, implica a intervenção total ou parcial de personagens, fatos e circunstâncias.

Saber identificar e isolar os elementos centrais de uma narrativa, como anúncio do tema, apresentação de personagens, apresentação das circunstâncias, problema, solução e conclusão é possível de se observar, geralmente, desde crianças de 5 ou 6 anos. Trata-se, nesse caso, de um modelo entre outros, que nada tem de obrigatório do modo como uma narrativa pode organizar-se (Melo, 2005).

Nossa abordagem, porém, deve limitar-se a pesquisas realizadas em narrativas escolares recolhidas em turmas da primeira série do segundo grau. Nela seguimos o princípio de que o enunciado tem valor social – como postula Bakhtin (2000: 282), “a língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam, e é através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua”.

No exame das narrativas, partimos dos traços que configuram o gênero e da relativa estabilidade textual prevista nas instruções que regem o *modus faciendi*, a produção verbal do aluno, a fim de identificar na instabilidade o querer-dizer do sujeito. Adotamos em face da redação escolar uma perspectiva formal mais ampla que a gramatical, ou seja, o da aplicação da língua em seus aspectos textuais (Ilari, 1992) e o grau de envolvimento do aluno com o texto que produz (Bastos, 2001).

RELATIVA ESTABILIDADE E INSTABILIDADE NA NARRATIVA ESCOLAR

Consoante formulação bakhtiniana de gênero discursivo, os enunciados concretos apresentam características relativamente estáveis no contexto em que circulam e adquirem sentido. Há formas de dizer mais padronizadas e menos sujeitas aos movimentos de mudanças. Essas formas, a nosso ver, quando constituídas de elementos prescritivos, possivelmente desencadeiam a produção e circulação de novas formas padronizadas. Nas propostas de produção textual a seguir, podemos observar que as instruções que orientam a atividade verbal acabam por estabelecer modelos de discurso.

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Entendo que para contar é necessário primeiramente construir um mundo, o mais mobiliado possível, até os últimos pormenores. Constrói-se um rio, duas margens, e na margem esquerda coloca-se um pescador, e esse pescador possui um temperamento agressivo e uma folha penal pouco limpa; pronto: pode-se começar a escrever, traduzindo em palavras o que não pode deixar de acontecer.

A partir da reflexão de Umberto Eco, apresentamos uma proposta para você: produza um texto narrativo, tendo por base os elementos citados pelo referido escritor (o rio, as margens, o pescador agressivo e com problemas com a justiça...). Dê asas à sua imaginação!

NARRATIVA A

(sem título)

João sempre foi agressivo, mas sua infância explica tudo. Seu pai batia muito na sua mãe e como o ditado diz: tal pai tal filho.

João aos 18 anos casou-se com Lisbella que na época tinha 15 anos. Com ela teve 5 filhos. Eles são: Jorge, Maria, Lucas, Gabriel e Júlia. As crianças nasceram em Engenho Grande, Amazonas, lugar para onde os pais se mudaram logo depois de estarem casados. Em Engenho Grande tinha o Rio Dourado onde João retirava peixes para seu sustento.

Certo dia ele, João, foi pescar como todos os dias fazia, mas estava muito nervoso, pois havia brigado com seu filho em casa, antes de ir trabalhar. João sempre carregava um facão consigo. Enquanto estava prepa-

rando tudo, ainda nas margens do rio, aparece Justino que foi cobrar-lhe uma dívida. Quando Justino falou que João era um pobre coitado, este se irritou e não hesitou, pegou seu facão e deu uma facada no coração de Justino. Ao perceber o que tinha acabado de fazer, saiu mata a dentro correndo e fugindo, pois logo, logo alguém iria descobrir o crime.

Ao chegar em casa, contou tudo para sua família e eles ficaram pasmados. Passou-se uma semana de investigação e durante todo esse tempo João ficou em casa. Ao fim da investigação descobriram que ele era o autor do crime, pescador que num ato de crueldade e agressividade matou Justino com uma facada. João foi preso e condenado a cinco anos de reclusão. Com sua indicição Lisbella, sua esposa, morreu de desgosto e os seus cinco filhos foram morar em São Paulo com a tia”.

NARRATIVA B

Brigas no rio

No rio Amazonas, localizado na região Amazônica no norte do país, é comum ver pescadores, mas não como Beco, um pescador que vive de cara amarrada e reclama de tudo. Em meio a um ambiente calmo e cercado de natureza, a pesca é o que serve de fonte de renda para muitas famílias.

Beco, um pescador de caráter agressivo e egoísta, vivia arranjando confusão com outros pescadores por querer tomar posse das duas margens do rio. Ele já cometeu crimes, assassinou um pescador durante uma briga de foice e violou leis de pesca em período de reprodução das espécies. Sem contar que Beco é solitário, sem esposa e filhos, e ainda mais era mal humorado. Já percebemos de que tipo de pessoa estamos falando não é mesmo?

Para entrar em acordo, os pescadores criaram uma cooperativa, porém Beco se recusou a participar. Mesmo não tendo direito à pesca, ele pescava. E ameaçava os outros pescadores.

Para pôr um basta às ameaças de Beco, um dos pescadores gravou uma ameaça com um gravador escondido no bolso e levou para a polícia. E testemunhas também colaboraram quando falaram sobre as agressões físicas que Beco fazia. Agora tudo estava em harmonia, os pescadores tirando seu sustento sem agredir a natureza.

Mediante palavras de Bakhtin (2000: 34), “quando consideramos um enunciado com o intuito de análise linguística, abstraímos a sua natureza dialógica, consideramo-lo dentro do sistema da língua e não no grande diálogo da comunicação verbal”. Ainda segundo ele os gêneros são relativamente estáveis; os sujeitos promovem as instabilidades, que podem ser analisadas pelas tensões entre a repetição

de uma ordem dada, a reprodução do discurso que essa ordem articula e as particularidades de cada sujeito ao atender essa ordem. Se não podemos afirmar que o discurso é propriedade do sujeito, também não podemos desconsiderar que há graus de subjetividade decorrentes da utilização de um ou outro gênero. As experiências do sujeito podem, *mutatis mutandis*, se manifestar intensamente em suas produções verbais.

Como vimos na apresentação dos textos, a proposta dada assegura certa estabilidade no produto da avaliação, pois garante a possibilidade de que todos os alunos apresentem os resultados previstos por ela – nos textos acima, por exemplo, o caráter agressivo do pescador. Constatamos a instabilidade nas transformações promovidas pelos produtores, quando se distanciam do assunto proposto ou mesmo quando atendem a ele. Nos textos analisados destacamos divergências quanto ao atendimento da proposta, que criam diferentes efeitos de sentido na medida em que materializam valores cultivados pelos sujeitos-alunos no tempo e no espaço pertencentes às suas relações sociais.

A ruptura da estabilidade prevista na prova é verificada principalmente nos contrastes promovidos pelos sujeitos na elaboração do enunciado, no momento em que o aluno, apesar das coerções, modifica o discurso.

De acordo com o professor Ilari (1992), o ponto de vista em que se deve refletir a redação escolar é a de uma investigação lingüística cujas interpretações modernas têm sido chamadas “Teoria do texto” ou “Teoria do discurso”.

Como textos, podem-se classificar, por exemplo, uma anedota, um grito de vendedor ambulante, um livro, uma receita de cozinha ou o conjunto de artigos de jornais públicos sobre determinado fato. Torna-se judiciosa a reflexão de que a noção de texto chega a ser tão ampla que parece impossível dominá-la teoricamente e explorá-la corretamente em aplicações pedagógicas.

No entanto, qualquer comunidade lingüística reage de maneira relativamente análoga ao determinar se uma construção verbal, produzida em determinadas circunstâncias, é ou não um texto. E aceitá-la como tal tem, em suma, um caráter intersubjetivo, o que

permite formular de maneira relativamente precisa as características da coesão interna e a adequação condizente com uma situação (Ilari, *op. cit.*).

O ENVOLVIMENTO DO ALUNO COM SEU TEXTO

O envolvimento do aluno com o texto que produz é determinado, sobretudo, pela situação de comunicação em que o texto foi produzido. O grau desse envolvimento pode ser percebido a partir da situação de comunicação em que o aluno se inseriu no momento da produção.

Para analisar se o momento da produção implica ou não mudanças no texto, podemos observar como começam as narrativas (com RESUMO, ORIENTAÇÃO ou ESTADO INICIAL) e a maneira como o aluno se coloca em seu texto (como AUTOR, NARRADOR, PERSONAGEM, etc.) (cf. Bastos, 2001).

Observa-se que as *NARRATIVAS A* e *B* são introduzidas com RESUMO. Nesses casos há, via de regra, uma ou duas sentenças que resumem toda a história. O objetivo é tentar despertar o interesse do leitor para o discurso que se vai seguir e há ênfase de ocorrências de juízos de valor. Nas narrativas desenvolvidas percebe-se que os alunos apreenderam o tema da agressividade como fator preponderante para o desenvolvimento do texto:

NARRATIVA A

João sempre foi agressivo, mas sua infância explica tudo. Seu pai batia muito na sua mãe e como o ditado diz: tal pai tal filho.

NARRATIVA B

No rio Amazonas, localizado na região Amazônica no norte do país, é comum ver pescadores, mas não como Beco, um pescador que vive de cara amarrada e reclama de tudo. Em meio a um ambiente calmo e cercado de natureza, a pesca é o que serve de fonte de renda para muitas famílias.

Beco, um pescador de caráter agressivo e egoísta...

O aluno pode se colocar em seu texto como autor, narrador ou personagem. Nas narrativas recolhidas, vemos que no grau de envolvimento dos produtores com seu texto eles se colocam como narradores e os personagens são uma terceira pessoa. A *NARRATIVA B*, no entanto, apresenta narrador como uma das personagens na seguinte passagem:

Já percebemos de que tipo de pessoa estamos falando não é mesmo?

A posição clara que o aluno deve assumir diante do texto para evitar eventuais confusões estilísticas pode ser esclarecida, de acordo com Bastos (2001: 93-4), mediante distinção feita por André Petitjean entre AUTOR, SCRIPTOR e NARRADOR:

Segundo ele, o AUTOR “é uma pessoa física, moral e social cuja experiência de vida em toda sua complexidade constitui um reservatório de experiências diversas e de conhecimentos numerosos. Quando essa pessoa tem por profissão escrever, falamos de um ESCRITOR...” O SCRIPTOR é “o agente que elabora um texto, uma ficção, quer dizer, o enunciador, o produtor de um texto. Sempre inscrito numa referência histórica, o SCRIPTOR é determinado extratextualmente (experiências do autor, suas leituras, seus conhecimentos, suas crenças (...)) que constitui em um reservatório no qual o agente da escrita opera escolhas) e, inversamente, elabora textualmente essas experiências”. O NARRADOR, “inscrito sempre numa referência textual, é essa ‘voz do papel’ que conta a estória, seja ela figurada por uma personagem específica (o narrador) ou tomada, às vezes, pelas personagens de ficção. Quando não podemos atribuir à instância narrativa qualquer figuração, o NARRADOR é assimilável ao SCRIPTOR”. “Dizemos então que, num texto, o NARRADOR é a instância textual (figurada ou não por um autor específico) que conta a estória, isto é, coloca o mundo no lugar, ordena os acontecimentos, podendo sempre, mais ou menos, comentar e avaliar o que acontece”. Para ficar mais claro pedagogicamente, Petitjean acrescenta a seguinte distinção:

AUTOR – pessoa que vive.

SCRIPTOR – pessoa que escreve.

NARRADOR – pessoa que conta.

PERSONAGEM – ser de papel que tem um papel na estória

Bastos (*op. cit.*) ressalta ainda a importância da definição de uma *situação de interlocução*. Além de ter uma posição clara ante o texto, ou seja, além de se definir como AUTOR, SCRIPTOR, NARRADOR ou PERSONAGEM, e de saber como tomar uma ou outra

dessas vozes ao longo do texto, o aluno deve ter bem definido ser interlocutor.

BIBLIOGRAFIA

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 3ª ed. - São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BASTOS, Lúcia Kopschitz. *Coesão e coerência em narrativas escolares*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar*. 17ª ed. - Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.

ILARI, Rodolfo. *A lingüística e o ensino da língua portuguesa*. 4ª ed. - São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LEFEBVE, Maurice-Jean. O discurso da narrativa. **In:** *Estrutura do discurso da poesia e da narrativa*. Tradução de José Carlos Seabra Pereira. Coimbra: Livraria Almedina, 1980.

MELO, Lélia Erbolato. Estrutura da narrativa ou gêneros, mundos, lugares discursivos & companhia? **In:** BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. 2ª ed.rev. - Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005.